



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/11/2025 e 13/11/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/11/2025	11,01	317,10	49,68	5,27	4,27
10/11/2025	11,16	320,00	50,58	5,35	4,29
11/11/2025	11,13	316,90	51,10	5,36	4,32
12/11/2025	11,20	321,00	50,62	5,36	4,35
13/11/2025	11,32	328,50	50,25	5,35	4,41
Média	11,16	320,70	50,45	5,34	4,33

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	123,00	
RS – Não Me Toque	122,00	
PR – Pato Branco	126,00	
PR – M.C.Rondon	122,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	126,00	
GO - Rio Verde	120,00	
BA – L.E.Magalhães	123,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	69,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	53,00	
PR – Pato Branco	57,00	
MT – C.N.Parecis	48,00	
MS – Maracaju	55,00	
SP – Itapetininga	64,00	
SP – Campinas	69,00	CIF
GO – Rio Verde	57,00	
GO – Jataí	57,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	55,00	
RS – Não Me Toque	55,00	
PR – Pato Branco	66,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 12/11/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/11/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,52	124,04	57,16

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/11/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	55,79
Feijão (saco 60 Kg)	120,00
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,38
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,35**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,52

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Agosto/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram subindo nesta semana, com o bushel da oleaginosa, para o primeiro mês, fechando em US\$ 11,32, contra US\$ 10,91 uma semana antes. O farelo igualmente subiu, chegando a US\$ 328,50/tonelada curta, enquanto o óleo se manteve um pouco acima dos 50 centavos de dólar por libra-peso em Chicago.

Este movimento altista se dá devido as especulações quanto a real safra estadunidense que se aproxima do final de colheita, já que o mercado ficou sem informações oficiais por mais de 40 dias devido a paralisação dos serviços públicos nos EUA. Além disso, a expectativa de a China voltar a comprar soja estadunidense ajudou a aquecer o mercado. Soma-se a isso o plantio brasileiro com certa dificuldade no Centro-Oeste, devido a falta de chuvas.

Quanto ao serviço público estadunidense, finalmente no dia 12/11 houve um acordo no Congresso dos EUA para desbloquear novas verbas para o orçamento público e o retorno das atividades dos órgãos públicos se iniciou. Assim, para este dia 14/11 estava previsto o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, correspondente a novembro. O mercado esteve apostando em uma redução na produção de soja em relação ao inicialmente estimado. No próximo boletim iremos analisar em detalhes os referidos números que dali sairão. Mas não se pode descartar que o mercado venha a ser surpreendido, se obrigando a rever posições.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que as especulações elevaram o bushel para níveis que não eram vistos há 16 meses em Chicago.

Antes do anúncio do relatório, depois do apagão de informações, a produção estadunidense de soja estava sendo prevista entre 113 a 118 milhões de toneladas, com média de 116,1 milhões. O último relatório divulgado, em setembro, trouxe 117,06 milhões de toneladas. A produtividade da oleaginosa era esperada entre 58 e 60,5 sacos por hectare, com média de 59,5 sacos/ha, diante dos 60 sacos indicados em setembro. Os estoques finais da oleaginosa nos EUA são esperados entre 5,09 e 13,44 milhões de toneladas. A média de 8,27 milhões está próxima do número de dois meses atrás, de 8,16 milhões de toneladas.

Quanto às compras pela China, o mercado igualmente deverá ser surpreendido negativamente, pois os estoques chineses de soja estão no máximo, especialmente pelas compras no Brasil, e um pouco na Argentina. Hoje atingem 10,3 milhões de toneladas, um novo recorde. Em outubro, a China importou 9,5 milhões de toneladas, um recorde para o mês, e 17% maior do que o registrado em outubro do ano passado. No mês passado, o Brasil exportou 6,7 milhões de toneladas de soja, também registrando um recorde para o mês, e 43% a mais na comparação anual. A maior parte deste volume tem a China como destino principal. Além disso, os preços da soja brasileira e argentina estão mais baratos do que o produto dos EUA. Assim, o mercado vê com dificuldades os chineses comprarem o produto norte-americano (cf. Agrinvest Commodities).

Em síntese, a China tem excesso de soja após meses de importações recordes, o que reduz a possibilidade de compras dos EUA. Além disso, as margens de esmagamento

das indústrias chinesas estão muito baixas, embora a demanda pelo farelo local continue firme. Os preços chineses do farelo de soja, usado para a ração suinícola em especial, caíram mais de 20% em relação ao pico registrado em abril nas principais regiões costeiras do país, ficando em US\$ 421,00/tonelada. Segundo industriais situados na China, não haveria mais espaço para o país aumentar suas importações de soja, pois os estoques da oleaginosa são muito elevados e a demanda do setor de rações é muito lenta.

Assim, somando os dois fatores abordados aqui, Chicago pode voltar a recuar para níveis abaixo dos US\$ 11,00/bushel nas próximas semanas. Os números do relatório deste dia 14/11 deverão ser um balizador para tal comportamento.

E no Brasil, os preços elevados em Chicago não têm causado efeitos altistas nos valores da soja. A média gaúcha veio a R\$ 124,04/saco nesta semana, e as principais praças locais mantiveram-se entre R\$ 122,00 e R\$ 123,00/saco. Nas demais regiões do país, os valores oscilaram entre R\$ 119,00 e R\$ 126,00/saco. O motivo é o Real muito forte, abaixo dos R\$ 5,30 por dólar na semana, assim como prêmios portuários com viés de baixa no momento.

Dito isso, mesmo com certas dificuldades climáticas no Centro-Oeste, o plantio no Brasil, da nova safra, chegou a 57,7% da área esperada nesta semana, contra 58,9% na média histórica.

Enfim, conforme o último relatório da Conab, a expectativa é de uma safra brasileira ao redor de 177,6 milhões de toneladas em 2025/26, diante de uma área semeada de 49,06 milhões de hectares. A área nacional pode crescer, portanto, 3,6%, o que seria superior ao esperado inicialmente. Em tal contexto, o Brasil deverá exportar 112,1 milhões de toneladas no novo ano comercial, contra 106,7 milhões neste último ano. O processamento no país também crescerá para 59,4 milhões de toneladas. Mas, como sempre, tudo isso dependerá, daqui em diante, do comportamento climático nas regiões produtoras nacionais.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho igualmente subiram, porém, em menor intensidade proporcionalmente à soja. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (13) em US\$ 4,41, contra US\$ 4,28 uma semana antes.

A expectativa do retorno das estatísticas oficiais dos serviços públicos dos EUA, após o encerramento do chamado período de shutdown (mais de 40 dias), alimentaram especulações de que a colheita final naquele país, a qual está praticamente encerrada, seria menor do que o previsto. Antes do relatório, esperado para este dia 14/11 (o qual iremos analisar em detalhes no próximo boletim), o mercado apontava uma colheita entre 415,6 milhões e 425,5 milhões de toneladas, contra 427,1 milhões indicados no relatório de setembro (último a ser divulgado). A produtividade média esperada está entre 190,1 e 194,6 sacos/hectare, contra 195,3 sacos indicados em setembro. Em isso se confirmando, os estoques finais de milho, neste novo ano comercial, deverão ficar entre 49,4 e 62,7 milhões de toneladas, contra 53,6 milhões em setembro. Ou seja, se

o novo relatório indicar volumes mais próximos do patamar superior, naturalmente as cotações do milho em Chicago também tenderão a recuar.

Já no Brasil, os preços do cereal se mantêm estáveis, com R\$ 60,00/saco nas principais praças gaúchas e entre R\$ 48,00 e R\$ 64,00/saco nas principais regiões do país.

Enquanto isso, a nova safra de milho nacional, para 2025/26, poderá ficar entre 138 e 144 milhões de toneladas se o clima ajudar. A chamada safrinha seria de 110,5 milhões de toneladas, com recuo de 2,5% sobre o ano anterior, segundo a Conab. Enquanto isso, a safra de verão poderá chegar a 25,8 milhões de toneladas no Centro-Sul brasileiro, contra 24,7 milhões na safra passada (cf. Safras & Mercado). Em tal contexto, a exportação do cereal poderá avançar para 46,5 milhões de toneladas, contra 40 milhões estimados para este último ano comercial.

Enfim, as exportações brasileiras de milho continuam abaixo do necessário. Nos primeiros cinco dias úteis de novembro o volume médio diário ficou em 228.107 toneladas, ou seja, 8,3% abaixo do registrado no mesmo mês do ano passado. Outubro fechou com vendas externas ao redor de 5 milhões de toneladas. Diante disso, o escoamento da recente safra recorde está muito dependente do consumo interno, especialmente junto à indústria de etanol. Assim, se a nova safra de verão for normal e o plantio da safrinha indicar uma área importante, será difícil os preços do milho se elevarem na primeira metade de 2026. Depois, o clima ditará, como sempre, o jogo.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, pouco subiram nesta semana. Na verdade estiveram em forte estabilidade, com o primeiro mês fechando a quinta-feira (13) em US\$ 5,35/bushel, o mesmo valor do fechamento de uma semana antes.

O mercado aguardava, sem surpresas, o novo relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 14/11 e que iremos analisar no próximo boletim. Assim como no caso da soja e do milho, o retorno das estatísticas oficiais estadunidenses devem dar um norte ao mercado, evitando as especulações exageradas.

Aqui no Brasil, os preços do trigo voltaram a recuar no Rio Grande do Sul, com o produto de qualidade superior ficando em apenas R\$ 55,00/saco, enquanto o preço no Paraná se estabilizou entre R\$ 64,00 e R\$ 66,00/saco.

O avanço da colheita gaúcha, com bom rendimento e qualidade, vem derrubando os preços do cereal, enquanto houve quebra parcial no Paraná. Os preços pagos aos produtores estão bem abaixo do preço mínimo e o governo iniciou um processo de leilão de PEP e de PEPRO, porém, para volumes muito pequenos. Lembrando que o valor mínimo estipulado pela Conab é de R\$ 78,51/saco de 60 quilos. Ou seja, no Rio Grande do Sul o mercado pratica preços 30% abaixo do mínimo, neste momento, e no Paraná entre 16% e 18,5% abaixo.

Por sua vez, enquanto a Conab aponta uma possível produção final de trigo de 7,7 milhões de toneladas no país, a iniciativa privada (StoneX) indica 7,35 milhões neste momento.

Enquanto isso, a colheita no Paraná chegou a 92% (cf. Deral) da área nesta semana, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma atingia a 60% da área, contra 77% na média histórica (cf. Emater).

E como era esperado, a rentabilidade dos produtores está baixa, especialmente no Rio Grande do Sul. Segundo a Fecoagro, “um produtor que colheu 50 sacos por hectare, teve resultado negativo de 11 sacos de trigo se vender essa produção a R\$ 56,00 por saco”. Como o preço já caiu para R\$ 55,00/saco, o prejuízo é ainda maior. Lembrando que a Conab estima uma produtividade média gaúcha de 52,9 sacos/hectare, o que não ajuda muito diante da realidade dos custos de produção elevados.